

A FORMAÇÃO HUMANIZADORA PELA LITERATURA EM O FAZEDOR DE VELHOS

Cleiser Schenatto Langaro^{}*
*Diana Maria Schenatto Bertin^{**}*

RESUMO: A partir da narrativa *O fazedor de velhos*, de Rodrigo Lacerda (2008), discorre-se sobre a contribuição da literatura para a formação humanizadora, conforme os pressupostos de Candido (1972). Busca-se compreender o romance de formação, *bildungsroman*, conforme reflexões de Maas (2000) e Pinto (1990). As questões estruturais da obra, narrador, linguagem, formato, bem como a intenção pedagógica, permeiam a abordagem. Além dos autores já citados, Colomer (2003), Todorov (2009), Barthes (1973), Eco (2001), Lajolo (1989), dentre outros, contribuem para a leitura interpretativa e analítica.

PALAVRAS-CHAVE: O fazedor de velhos; *Bildungsroman*; Literatura e humanização.

ABSTRACT: The book *O Fazedor de Velhos* (The one who created old ones, approximately), by Rodrigo Lacerda (2008) has substantiated our discussion on the contribution of literature for a humanizing formation, following the statements by Candido (1992). We sought to comprehend the novel of formation, known as *Bildungsroman*, in accordance with Maas (2000) and Pinto (1990). The book's structural aspects — narrator, language, shape, as well as pedagogical intention — stand out in our approach. Besides the aforementioned authors, Colomer (2003), Todorov (2009), Barthes (1973), Eco (2001), Lajolo (1989), among others, contributed to our analytical and interpretative reading.

KEYWORDS: O fazedor de velhos; *Bildungsroman*; Literature and humanization.

INTRODUÇÃO

A capacidade do texto literário enquanto obra aberta, sua ambiguidade e pluralidade de sentidos, deslocamento de perspectivas e possibilidades, direcionam o leitor para novas compreensões sobre o mundo. Pode contribuir para a compreensão de questões da vida real, com a previsão do esperado e a surpresa do imprevisto, conforme Eco (2001).

^{*} Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Letras, nível de Doutorado – área de concentração em Linguagem e Sociedade da UNIOESTE – Campus de Cascavel.

^{**} Especialista em Literatura Hispano-Americana.

Barthes (1973) observa que a literatura aborda a arte de viver. Tais aspectos convidam o leitor para participar de um jogo e ao aceitar o convite, o leitor participa, interage, torna-se co-autor da obra. É imprescindível jogar o jogo, vivenciar as experiências que a narrativa sugere para que o prazer do texto possa fluir e envolver o leitor.

As especificidades destacadas acima dialogam com o que Candido (1972) afirma sobre a capacidade humanizadora da literatura. Para o crítico, ela, ao mesmo tempo, forma e humaniza o homem, pois ao falar sobre o homem e seus anseios, problemas, experiências e expectativas, possibilita que o leitor se identifique com personagens e suas vivências, aprendendo e dialogando com elas.

A formação e a aprendizagem de Pedro, protagonista de *O fazedor de velhos*, de Rodrigo Lacerda, retrata a passagem do adolescente para a vida adulta. Insatisfeito com o Curso de História no Ensino Superior e desiludido com a primeira paixão não correspondida, encontra na literatura um caminho para buscar suas respostas. A obra, sob estes aspectos, pode ser classificada como romance de aprendizagem, pois como afirma Pinto (1990, p.15), citando a definição de Pratt para o Bildungsroman, o romance de formação “[...] retrataria o período de formação da personagem que começa na infância ou adolescência [...]”.

O Fazedor de Velhos apresenta, de forma encantadora, o processo de amadurecimento da personagem e seus sentimentos diante de experiências, comuns aos jovens de sua idade, principalmente em face de decidirem sobre o futuro, o que permite compreendê-lo como romance de aprendizagem.

Num segundo plano, com a análise da narrativa pode-se acompanhar a trajetória de um escritor de literatura em início de carreira, suas dúvidas e dificuldades, bem como suas alegrias diante das primeiras conquistas e reconhecimento pela produção. Nesse processo, o professor Nabuco desempenha a função de mentor de Pedro, auxiliando-o a descobrir seu amor pela literatura e a iniciar-se na profissão.

Por meio dos livros que lê e suas histórias, Pedro passa por um processo de autoconhecimento e autoavaliação. As experiências vivenciadas por ele se intensificam e abrangem várias áreas de formação cultural e pessoal como, por exemplo, o prazer pela leitura literária e pela criação e elaboração pela linguagem. Ao conhecer Mayumi, por exemplo, sentirá a diferença entre os sentimentos da paixão e do amor. Em relação ao professor Nabuco, descobre a amizade, o respeito e a admiração, a necessidade de persistência e autoconhecimento, a gratidão e a doação ao próximo, sentimentos comuns a leitores de todas as idades.

Nesse sentido, Colomer (2003) analisa que os estudos atuais acerca da leitura e da literatura concedem ao leitor o papel central no processo de construção do significado da obra. A partir dos pressupostos teóricos da

Estética da Recepção, de Jauss, busca-se compreender como o leitor recebe o texto, sua capacidade cognitiva para compreendê-lo e a contribuição do texto para a formação do leitor. Para Jauss (2002), o texto literário pode provocar rupturas e ampliar horizontes de expectativas.

Colomer (2003) chama a atenção para o conceito do pacto narrativo, ou seja, ela entende que o significado do texto é uma construção negociada entre autor e leitor e mediada pelo texto. Destaca-se a constituição de uma ponte ideológica que estabelece a relação entre as intenções do autor, o conhecimento do leitor e as propriedades do texto.

As reflexões sobre a contribuição do texto literário e sua função humanizadora, sobre ensinar a ler e ensinar a compreender condiz com o que se apresenta na relação entre Pedro e o professor Nabuco em *O Fazedor de Velhos*. E, dessa maneira, pode-se refletir sobre a função literária e educativa da literatura, preconizada pelos estudos de Colomer (2003).

Dialogando com os estudos de Colomer (2003) acerca da contribuição da literatura para a formação do leitor, o conceito de romance de formação ou de aprendizagem ampara a análise da obra *O fazedor de velhos* de Rodrigo Lacerda. Conforme Pinto (1990, p.147), o modelo tradicional do *Bildungsroman* masculino apresenta os seguintes aspectos:

[...] choque entre personagem e o meio de origem (limitado e provinciano); isolamento da personagem; conflitos com os pais; apresentação ou menção do período de educação formal; viagem para a cidade grande ou para um ambiente onde a personagem entra em contato com uma realidade mais ampla que, frequentemente, vai lhe trazer desilusões; problemas amorosos; processo de auto-educação; final indeterminado.[...].

Das características destacadas por Pinto (1990), em *O fazedor de velhos* pode-se destacar a apresentação e ou menção do período de educação formal, questões amorosas e o processo de autoeducação e definição profissional. Nos casos de romance de formação o herói busca uma filosofia de vida e uma vocação. As mesmas são abordadas no decorrer da análise.

O FAZEDOR DE VELHOS E A FORMAÇÃO DO LEITOR

De acordo com as indicações editoriais, *O fazedor de velhos* de Rodrigo Lacerda é classificado como literatura infanto-juvenil. A narrativa apresenta linguagem informal e/ou coloquial, apresentando frases feitas e expressões comuns da linguagem dos jovens. Também se pode destacar o diálogo que ocorre entre narrador-personagem e o leitor:

Acabei adorando esse novelão metrificado, com índios no lugar de galãs bigodudos. (I Juca-Pirama – Gonçalves Dias). Outro poema que terminei preferindo, e aprendendo quase de cor, foi ‘O Monstrengo’, escrito, segundo minha mãe, por um poeta português que dizia ter quatro personalidades. Achei isso impressionante. Já imaginou, quatro portugueses numa pessoa só? (LACERDA, 2008, p.10)

Tanto a utilização de uma linguagem adaptada à idade do leitor infanto-juvenil quanto o recurso do diálogo com o público evidenciam a tentativa do autor de se aproximar do leitor e de sua vivência. A obra foi dedicada à filha do escritor e a própria dedicatória já anuncia estas questões: “Para Clara e sua turma”. Também sobre estes aspectos pode-se analisar o interesse do escritor em transmitir uma mensagem sobre a literatura, a vida e suas surpresas por meio da literatura. O escritor está em sintonia com a literatura contemporânea, influenciada pelos ideais do movimento literário modernista, volta-se para uma linguagem do cotidiano, seja na forma de escrita ou no aproveitamento e problematização de questões do cotidiano de todo ser humano.

O fato de Pedro, protagonista da história, ser o narrador-personagem, intensifica as temáticas apresentadas por Rodrigo Lacerda. Um jovem em conflito acerca da escolha do curso superior, em clara crise vocacional, deseja tomar a decisão certa sobre a futura profissão, pois almeja a realização profissional. Além disso, nutre uma paixão por Ana Paula, colega e amiga de classe e não é correspondido. Ou seja, Rodrigo Lacerda aborda, concomitantemente, questões pessoais e profissionais da vida real, anseios e conflitos que acompanham e completam todo ser humano: amor, trabalho, a amizade e demais valores morais.

Desde a infância, Pedro recebeu dos pais livros de presente e incentivos à leitura, lia poemas e romances aos 13 anos, quando ganhou do pai obras completas de *Shakespeare*, em inglês, mesmo não dominando a leitura nesse idioma. O próprio narrador explica ao leitor como foi se interessando pelos poemas e obras literárias:

Lembro das sessões de leitura de poesia a que eu e minha irmã éramos submetidos pela nossa mãe, e que ela só aceitava interromper quando um filho, em geral eu, caía de joelhos a sua frente com gestos de reza fervorosa, e o outro, normalmente minha irmã, agarrava sua mão com a intensidade de um moribundo fazendo o último desejo. Ela nos olhava contrariada, mas ria do nosso desespero exagerado: Pára, mãe, pelo amor de Deus, pára! (LACERDA, 2008, p.7).

A mãe de Pedro, professora universitária, e o pai, advogado e leitor fervoroso da literatura nacional e universal, apresentaram e demonstraram aos filhos o apreço que tinham por obras literárias, no claro intuito de que

eles também as apreciassem. Assim revela o jovem protagonista: “Minha mãe lia em voz alta, com ritmo, marcando as rimas”. (LACERDA, 2008, p.8). Ele também evidencia que aos poucos as histórias permaneceram com ele, mesmo após o término da leitura: “Ao ler aquilo, ficava me perguntando como seria, apenas com palavras, criar dois personagens tão vivos? E uma liga tão perfeita entre eles?”. (LACERDA, 2008, p.12).

A narração em primeira pessoa, limitando-se ao registro dos pensamentos, percepções e sentimentos, vincula-se necessariamente as experiências de Pedro, fatos da memória e digressões do protagonista. Esse tipo de narração: “[...] apresenta-se em boa parte partindo da técnica do sumário, aproximando e distanciando o leitor da história narrada [...]”, conforme Franco Junior (*in*: BONNICI; ZOLIN, 2005, p.42).

O narrador só se identifica no segundo capítulo, após relatar ao leitor sobre as primeiras experiências com a literatura e ao mesmo tempo apresentar a mãe, o pai e a irmã, bem como o encontro com o professor Nabuco:

Talvez, já que estou falando deles, seja bom falar um pouco de mim antes de continuar a história. Meu nome é Pedro. Na época daquela viagem a SP, além de ler, eu adorava jogar futebol de botão com os meus amigos, ir ao maracanã ver o flamengo ser campeão (o que, sem querer me gabar, acontecia quase toda semana) e ir à praia pegar jacaré. Teria adorado uma namorada, diga-se de passagem, mas não namorava ninguém. (LACERDA, 2008, p.19).

A perspectiva de Rodrigo Lacerda é interessante e se destaca, pois o escritor optou em narrar a história de um jovem que convive naturalmente entre livros e jogos de futebol. Harmoniosamente relaciona-se com a família e os amigos. Em se tratando de romance de formação, o narrador já destaca sua preferência sexual, aceitação e convívio social e a estrutura familiar tradicional e estável, ou seja, não há maiores conflitos nestes campos ou já foram resolvidos. Pedro demonstra admiração e respeito pelos pais e em relação à irmã, lembra que se sentia irritado por ela ser mais velha e ter algumas regalias e liberdades que ele não tinha:

Minha irmã, mais velha, se vangloriava de não precisar de autorizações. Eu morria de inveja....Minha irmã, soberana, mostrou sua carteira de identidade. Eu todo me achando, todo pimpão, entreguei a minha Autorização de Viagem para Menores Desacompanhados....Fiquei humilhado, nada é pior do que ser tratado como criança aos dezesseis anos. (LACERDA, 2008, p.17 -19).

Estruturada em doze capítulos, apresenta uma diagramação criativa para o início dos capítulos, todos os títulos estão apresentados na lateral da

folha alaranjada. A exuberância e a alegria desta cor instaura o sentimento de segurança, autoconfiança e criatividade. Além de estimular a mente, significa vitalidade, prosperidade e sucesso.

O tempo da história narrada é subjetivo-psicológico, pois conforme afirma Franco Junior (*In: BONNICI; ZOLIN, 2005, p.42*) mesmo estando vinculado ao tempo cronológico, “difere deste porque se trata do tempo da experiência subjetiva das personagens. Caracteriza, pois, o tempo vivencial destas, o modo como elas experimentam sensações e emoções no contato com os fatos objetivos e, também, com suas memórias, fantasias, experiências”.

Quanto ao tempo da narração da história ou do discurso narrativo, dos acontecimentos, dos fatos e das ações, nota-se que ocorrem recuos no tempo e que os mesmos permitem a recuperação de fatos passados. Corresponde ao que em linguagem cinematográfica é chamado de *flash-back*, mas é anterior, como técnica narrativa, a esse recurso, como explica Franco Junior (*In: BONNICI; ZOLIN, 2005*). Ocorre um desencontro entre a duração dos acontecimentos no plano da história narrada e a duração do relato desses acontecimentos no plano do discurso narrativo. Pela técnica do sumário, utilizando-se do discurso indireto, o narrador resume os acontecimentos que, na diegese, marcam-se por um tempo longo.

Franco Junior (*In: BONNICI; ZOLIN, 2005, p.45*) afirma que por meio de digressões o narrador introduz comentários no discurso narrativo, fazendo com que o tempo da diegese pare e o tempo do discurso (narração) se alongue:

Eu não lembro direito quando meu pai e minha mãe começaram a me enfiar livros garganta abaixo. Mas foi cedo. O conteúdo dessas leituras era relativamente variado. Digo relativamente porque as preferências de minha mãe, mesmo sendo variadas entre si, se repetiam sempre. Depois de um tempo, começamos a reconhecer alguns nomes de gente – Castro Alves, José Régio, Gonçalves Dias, João Cabral de Melo Neto, Manuel Bandeira, Fernando Pessoa, Carlos Drummond de Andrade –, e depois alguns nomes de livros e poemas – “Navio Negreiro”, “I-Juca-Pirama”, Poesia Até Agora, Mensagem, Rosa do Povo, Carnaval, Auto do Frade, Espumas Flutuantes, “O Monstrego”. (LACERDA, 2008, p.7).

Ao relatar fatos e experiências passadas por meio da memória, Pedro ressalta o processo inicial de sua formação como leitor. O narrador-personagem torna-se leitor, escritor e apreciador da literatura devido à contribuição das vivências que marcaram sua memória e sua subjetividade:

Após anos combatendo amorosamente a inclinação dos filhos pela preguiça mental, minha mãe enfim conseguiu colher resultados. Aos

poucos, nós não só fomos nos acostumando aos nomes e aos versos que ouvíamos a contragosto, como também, aqui e ali, começamos a desenvolver nossas preferências, a eleger quais, por um motivo ou por outro, amenizavam o tédio torturante das sessões de leitura. (LACERDA, 2008, p.7).

O processo narrativo contribui com a mensagem de Rodrigo Lacerda, pois o narrador revela, amparado nas lembranças da memória, seu processo inicial de contato com a leitura literária. Observa-se com isto que a formação do leitor não é imediata e estanque, ela exige mentores e mediadores, num constante ir e vir pelo mundo prazeroso da literatura, da arte em si, da elaboração estética pela linguagem:

A minha escolha mais antiga, pelo menos que eu me lembre, era um poema de título estranho: “I-Juca-Pirama”. Só depois descobri que era o nome do personagem principal, um índio tupi. (LACERDA, 2008, p.8-9)

Fiquei muitos anos obcecado por aquela mistura de grande arte com diversão, de temas adultos com leveza, pela combinação que o Eça fazia de personagens bons com defeitos, e de personagens maus com qualidades, sempre tratando a todos de forma igualmente amorosa, igualmente irônica, como se o escritor, de fora, lançasse um olhar piadista sobre tudo e todos, um olhar que não condenava ninguém, mas ria de todo mundo. E essa piada, esse seu jeito de ir “tirando uma” dos personagens, se tornou para mim a conversa de um amigo. (LACERDA, 2008, p.15)

O fazedor de velhos presta uma homenagem aos docentes que, como o professor Nabuco, são mediadores no processo de formação de leitores, cativando os estudantes para o universo literário. Parece ser proposital que o mentor de Pedro seja um historiador. Talvez Rodrigo Lacerda entenda que todos os docentes, independente da área de atuação, possam e devam contribuir nesse processo:

Foi graças a um livro que ele falou comigo pela primeira vez. (LACERDA, 2008, p.24-25)

Aquele velho estranho no meu caminho outra vez! Primeiro no aeroporto, depois na minha formatura, e agora... Seu nome era Nabuco. Escreveu livros, virou referência antes dos 30 anos. Ganhou prêmios da Academia Brasileira de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico. (LACERDA, 2008, p.45)

Considerado gênio e intelectual, Nabuco surge na vida de Pedro, inicialmente por acaso, depois como indicação para auxiliá-lo a decidir sobre sua vocação profissional. O professor Nabuco sugere tarefas e todas estão relacionadas com a literatura e seu universo: perfis de personagens, tema

chave de obras clássicas, pesquisa sobre a natureza humana a partir de temáticas de obras literárias, dentre outros. Nota-se que as pesquisas propostas pelo professor voltam-se ao estudo do significado do texto e não para práticas metodológicas voltadas à periodização, a crítica, a teoria e a história literária. Conforme Todorov (2009), estudar a literatura com esses propósitos provavelmente desmotivará os leitores, afastando-os da literatura e de suas contribuições para a formação humana.

O professor Nabuco esclarece a Pedro que está preocupado em conhecê-lo para além dos conhecimentos técnicos: “– Não testarei apenas os seus conhecimentos técnicos – ele disse. – Quero testar o senhor como pessoa...para saber se realmente é o caso de o senhor abandonar a faculdade e, se for, que nova profissão o faria feliz”. (LACERDA, 2008, p.46). Ou seja, pode-se perceber que o “teste vocacional” também se volta aos aspectos de formação humana: razão, emoção, formação psicológica, intelectual e cognitiva.

As tarefas obrigatórias do princípio tornam-se prazerosas, Pedro passa a desenvolvê-las buscando entender o texto e seu significado mais profundo, ressignificando-o e interagindo dialogicamente com ele:

Quando terminei de fazer o seu perfil, fui fisdado por uma sensação desagradável. Estava ao mesmo tempo horrorizado pelas crueldades d Edmund, e extremamente atraído por sua filosofia de vida. Condenava cada um de seus atos, mas me identificava com a sua ideologia, com todos os seus motivos essenciais. Embora fosse praticamente um monstro humano, alguma coisa nele era um reflexo de mim. [...]

Estudar aquela personagem me fez lembrar tanto da minha infância! Cada cena de briga mortal com a minha irmã! Será que eu, um dia, só por inveja, seria capaz de prejudicar alguém com mentiras? Ou de cometer um crime? Eu achava que não, mas fiquei me vigiando por um tempo. (LACERDA, 2008, p.63)

Ao analisar o perfil das personagens, Pedro avalia a sua própria conduta e seus sentimentos. Ele viaja ao passado, com auxílio da memória, e se projeta a possíveis atitudes futuras. Esse é o papel da literatura. Desestabilizar e provocar o leitor, questioná-lo e fazê-lo refletir sobre a vida. O diálogo entre o leitor e o texto fica evidente:

Minha sorte foi que, ao estudar os personagens positivos, quer dizer, os mocinhos da história, me emocionei igualmente. Kent, o melhor amigo do rei Lear, por exemplo, é esperto, corajoso, sincero, absolutamente fiel, e extremamente afetivo com o pobre velho destronado. Cordélia, a filha cuja bondade é inflexível no começo, depois tem a chance de mostrar como era grande esta bondade. E o

próprio Lear, é claro. Há uma cena que foi, para mim, a apoteose de todos os sentimentos bons da peça. daquelas que sempre que vejo ou leio, eu choro. E fico em paz comigo mesmo, achando que para tudo há esperança. É quando o rei Lear reencontra a filha boa. (LACERDA, 2008, p.63-64).

O juízo de valor e os comportamentos morais são questionados a partir do texto. O narrador-protagonista demonstra optar pela conduta do “bem”. A tarefa se transforma em leitura prazer, pois Pedro chora, sensibiliza-se com a situação do rei e seus filhos. Tenta compreender o outro e suas atitudes, humaniza-se. Ocorrem os fenômenos da outridade e da alteridade explicados por Bhabha: “[..] o desejo pelo Outro é duplicado pelo desejo na linguagem, que fende a diferença entre o Eu e o Outro, tornando parciais ambas as posições, pois nenhuma é autossuficiente. [...]”. (2005, p. 84).

A autocompreensão, a percepção de que o eu se define a partir do outro, da experiência com o outro, ocorre com a percepção, aceitação ou rejeição dos valores dos outros, em um processo dialógico. Sendo assim, percebe-se a relação autor/obra/público, bem como a ação da obra no leitor, conforme Candido (1976).

Pensar a leitura como um processo de compreensão de texto, de interação leitor/texto/autor e sob a perspectiva de humanização e formação de leitor, condiz com o que estuda Colomer (2003). A pesquisadora cita estudos de Concoran e Evans (1987) que destacam a atividade mental desenvolvida por leitores, independente da idade. Segundo eles, o leitor realiza quatro atividades importantes com a leitura, sendo elas: configuração e imaginação (construção de um quadro narrativo mental, no qual estão inseridos); previsão e retrospectiva (desenvolvimento da capacidade de prever acontecimentos e reavaliar o que já leu); participação e construção (imersão emocional e identificação com personagens) e valorização e avaliação (desenvolvem valor axiológico, sobre a narrativa e sobre os fatos). Pedro em *O fazedor de velhos* realiza as quatro atividades citadas acima:

Sempre que eu embarcava nas histórias, no fim a sensação era boa. O professor acabava me mostrando alguma coisa que eu não sabia a respeito de mim mesmo. E, ao me estimular o autoconhecimento, marcava o tempo da minha evolução interior. Era estranhamente prazeroso sofrer a magia do Fazedor de Velhos. (LACERDA, 2008, p.107).

O narrador-personagem demonstra consciência de que a história age sobre sua maneira de pensar e sobre seus comportamentos, assim como faz questão de registrar a contribuição do professor, Fazedor de Velhos, nesse processo. Cabe refletir sobre esta expressão em particular,

pois ela dá título à obra e está contextualizada com a temática abordada por Rodrigo Lacerda.

A literatura e o professor fazem os velhos “nascer” ainda na adolescência. Mas, nesse caso, a expressão “velhos” deve ser ressignificada, pois o escritor a utiliza de forma polissêmica. A mesma parece indicar o processo de amadurecimento do leitor pela literatura. O professor, como mediador da leitura literária, contribui para que a literatura possa apresentar a vida, com suas surpresas e emoções, ao leitor. Portanto “velhos” é sinônimo de maturidade, de vivência e sabedoria. Sendo assim, a narrativa *O fazedor de velhos* também desempenha esta função, ou seja, é “fazedora de velhos”?

E, sob esta perspectiva, a obra pode ser lida segundo os pressupostos do *Bildungsroman* que “[...] é caracterizado como tal a partir, não da sua estrutura formal, mas sim dos elementos temáticos da obra. Jost define o ‘Bildungsroman’ como romance de adolescência, que retrata [...] os acontecimentos desse período de formação [...]”. (PINTO, 1990, p.10).

Cabe destacar que dentre muitas definições sobre o texto literário, Azevedo (*In: SOUZA, 2004, p. 40*) explica que falar em literatura significa remeter ao discurso poético e à ficção. O discurso poético,:

[...] o texto literário por definição, pode e deve ser subjetivo; pode inventar palavras; pode transgredir as normas oficiais da Língua; pode criar ritmos inesperados e explorar sonoridades entre palavras; pode brincar com trocadilhos e duplos sentidos; pode recorrer a metáforas, metonímias, sinédoques e ironias; pode ser simbólico; pode ser propositalmente ambíguo e até mesmo obscuro. Tal tipo de discurso tende à plurissignificação, à conotação, almeja que diferentes leitores possam chegar a diferentes interpretações. É possível dizer que quanto mais leituras um texto literário suscitar, maior será a sua qualidade.

O fazedor de velhos contempla as características apresentadas por Azevedo (2004 *apud* SOUZA, 2004) e constitui-se em uma obra com linguagem metaliterária. Tem-se um tributo à literatura e a tudo o que ela pode representar e suscitar no fazer literário, no mediador, no professor e também no leitor.

O fato de a narrativa literária tratar de ações e intenções humanas, observa Colomer (2003) ao citar Bruner (1986), implica em processos de elaboração de significado e experiências pessoais através da leitura, chegando ao ponto de existir uma forma de pensamento narrativo.

Sendo assim, é possível afirmar que a literatura prepara e ajuda a viver. Contribui para que o leitor descubra, além do seu próprio mundo, novas perspectivas e novos mundos, permitindo-lhe melhor compreendê-los.

A literatura, para Todorov (2009, p. 23-24):

[...] amplia o nosso universo, incita-nos a imaginar outras maneiras de concebê-lo e organizá-lo. Somos todos feitos do que os outros seres humanos nos dão: primeiro nossos pais, depois aqueles que nos cercam; a literatura abre ao infinito essa possibilidade de interação com os outros e, por isso, nos enriquece infinitamente. Ela nos proporciona sensações insubstituíveis que fazem o mundo real se tornar mais pleno de sentido e mais belo. Longe de ser um simples entretenimento, uma distração reservada às pessoas educadas, ela permite que cada um responda melhor à sua vocação de ser humano.

Diante do exposto, pode-se afirmar que o escritor Pedro, narrador-personagem, se constitui segundo o que preconiza Todorov. Ao mesmo tempo em que descobre sua vocação profissional, também aprimora sua natureza humana, tornando-se mais “humano” e sensível consigo mesmo e com os outros.

O leitor busca, conforme Todorov (2009), na literatura, compreender melhor o mundo e a si mesmo e assim realizar-se pessoalmente. Desconsiderar essa relação e contribuição ou o sentido da obra para valorizar somente aspectos históricos, teóricos, estruturais, classificatórios ou quaisquer outros, significa não permitir ao leitor ampliar seus horizontes de expectativas, formar-se e humanizar-se pela literatura.

Dando continuidade à história de Pedro, ele conhece e se apaixona por Mayumi, sobrinha e afilhada do professor Nabuco, estudante de Neurologia em Paris. O professor Nabuco, já em idade avançada, tem sua doença agravada e fica sob os cuidados de Pedro. O jovem se desdobra entre a faculdade de História, as tarefas do seu teste vocacional, seu namoro com Mayumi e os cuidados com a saúde do professor. Diante de tantas responsabilidades, Pedro demonstra sensibilidade, principalmente para com o professor, tratando-o e cuidando-o com muito zelo. Nesse momento da narrativa, ele recebe a última tarefa do teste. O professor Nabuco propôs a Pedro que escrevesse um romance. Depois contos e crônicas. Pedro percebe que a sua vocação era ser escritor.

As experiências vivenciadas antecipadamente, na literatura, proporcionaram a ele a maturidade para enfrentar os problemas e as dificuldades que se apresentaram de forma surpreendente nos meses de convivência com o professor. Nesse sentido, *O fazedor de velhos* sob a perspectiva do “Bildungsroman” retrata, afinal, o processo durante o qual se aprende a ser ‘homem’, ou seja, apresenta-se o desenvolvimento de uma personagem masculina. [...]”. (PINTO, 1990, p.11). O conceito de *Bildungsroman* refere-se, principalmente, ao herói ou protagonista do sexo masculino.

Pedro tem seu primeiro romance aceito para publicação e no mesmo dia o professor Nabuco falece. A morte do mentor pode ser compreendida simbolicamente, pois o jovem escritor já apresentava maturidade para seguir a “vocação” que descobre durante o teste vocacional. O papel do mediador havia sido cumprido. Pedro demonstrava sabedoria e maturidade para aprimorar as habilidades e elaborar a linguagem esteticamente em discurso poético e ficcional.

Encerra-se um ciclo na vida de jovem e inicia-se outro. No dia seguinte a esses fatos ocorre o casamento de Pedro com Mayumi. Por toda a simbologia deste ritual, o acontecimento alude o surgimento de um novo tempo, um tempo de outras responsabilidades, próprias da maior idade, período da vida no qual o homem está no ápice de sua capacidade e de sua produção. Pedro demonstra ser “velho” o bastante para encarar a vida e tudo o que ela pode lhe oferecer.

Os jovens Pedro e Mayumi iniciam uma nova vida, adulta, madura. Nasce o primeiro filho, um “menino”. E o final feliz? Como compreendê-lo?

A obra também cumpre seu papel no sentido de humanizar a profissão de escritor de literatura. Ao retratar o menino Pedro no seio familiar, bem como os conflitos comuns desse ambiente, os anseios e as expectativas diante da paixão por Ana Paula e do amor por Mayumi, a indecisão acerca do curso superior e da profissão, Rodrigo Lacerda faz alusão ao ciclo da vida que se renova com o nascimento do filho e a formação do escritor. Um ser humano como todos: em família, na escola, na sociedade, no amor, na profissão, na família. A vida e seus ciclos e a literatura retratando-a, proporcionando aprendizagem, formando leitores. A narrativa contempla uma das características do gênero Literatura Juvenil, ou seja, texto politicamente correto, essencialmente otimista.

ROMANCE DE FORMAÇÃO - BILDUNGSROMAN

Morfologicamente o termo *bildungsroman* pode ser explicado a partir dos radicais. *Bildung*, formação e *Roman*, romance. De acordo com Maas (2000, p.13), esses são dois termos que entraram para o vocabulário acadêmico após os anos cinquenta do século XVIII e condizem com “[...] a formação do jovem de família burguesa, seu desejo de aperfeiçoamento como indivíduo, mas também como classe [...]” e coincidem com a afirmação do gênero romance no cenário literário.

O termo alemão *Bildung* foi definido por Pinto (1990, p.9) no sentido de “[...] formação, educação, cultura ou processo de civilização, e em português ‘Bildungsroman’ seria traduzido como ‘romance de aprendizagem’, ‘de formação’, ou de ‘desenvolvimento’. [...]”.

Maas (2000) também observa que o termo *bildungsroman* passou por vários processos de composição semântica. Dentre as acepções estão: construção de caráter, aperfeiçoamento pessoal e profissional em prol do bem comum, aparência exterior, aperfeiçoamento individual em busca do conhecimento de si e do mundo, processo de formação, auto-aperfeiçoamento, educação e patrimônio intelectual, dentre outras acepções são exemplos de compreensão para o termo até os dias atuais. “[...] De caráter híbrido, o romance moderno pode apresentar-se, por exemplo, como histórico, social, psicológico, regionalista e como ‘romance de aprendizagem’. [...]”. (PINTO, 1990, p.10).

O fenômeno do *bildungsroman*, para Maas (2000), trata-se de uma forma literária realista que teve sua maior expressão na Alemanha, mas que também esteve atrelado as questões culturais, históricas e literárias da Europa. Além de apresentar a evolução e a formação do protagonista ao longo da narrativa, desde o início de sua trajetória até seu amadurecimento, o romance de formação também deve agir sobre o leitor, promovendo neste o amadurecimento e a formação vivida pelo herói. Essa aprendizagem provavelmente será ampliada e potencializada no leitor devido suas próprias experiências de vida. Pode-se inferir que a trajetória de Pedro evidencia essas características e a história que o enredo apresenta dialoga com o leitor adolescente devido à sua temática.

É comum nos romances de aprendizagem ocorrer o conflito entre o herói e o pai, mas em *O Fazedor de Velhos*, o conflito é subjetivo, ocorre com o próprio personagem e a decisão sobre o futuro profissional:

É o herói, entretanto, em suas reações e atitudes frente aos eventos e ao mundo exterior, quem serve de princípio unificador da narrativa. Assim o ‘Bildungsroman’ apresenta as consequências de eventos externos sobre o herói, registrando as transformações emocionais, psicológicas e de caráter que ele sofre. Há uma ênfase, portanto, no desenvolvimento interior do protagonista como resultado de sua interação com o mundo exterior. [...]. (PINTO, 1990, p.10).

Os monólogos interiores de Pedro, suas angústias reveladas ao leitor, seja do período da infância ou mesmo da adolescência, evidenciam o desenvolvimento interior da personagem. Pinto (1990, p.11) explica que “Morgenstern define o ‘Bildungsroman’ não só por seus aspectos temáticos mas também por sua função didática, pela intenção pedagógica da obra de contribuir para a educação e formação da pessoa que lê. [...]”.

Para o jovem, o livro fala sobre os anseios próprios da idade, inclusive por meio de uma linguagem adequada a esse propósito, o que permite destacar a competência de Rodrigo Lacerda. Ao abordar a temática das preferências vocacionais, tema que cativa leitores jovens e que, inclusive, evidencia outra das características do romance de aprendizagem,

Rodrigo Lacerda resgata valores morais que praticamente já não são cultivados na sociedade pós-moderna.

Como assevera Pinto (1990), o final da narrativa leva a personagem masculina a um sentido de integração pessoal e de integração no seu grupo social. É o acontece com Pedro, gradativamente: reconhecido em seu meio escolar, foi escolhido para ser o orador da turma no dia da formatura; a família não desaprova sua busca por outra profissão; o professor aceita orientá-lo em um teste vocacional e aprova o namoro com Mayumi; tanto o professor Nabuco quanto Mayumi gostam de seu primeiro romance; e, outra importante demonstração de aceitação ocorre quando a editora decide publicar o seu primeiro romance.

Diante do exposto, avalia-se a voz autoral da narrativa, problematizando questões universais num período conturbado da vida humana, a adolescência. Temas como paixão e amor, amizade, respeito e valorização da sabedoria – dos pais e do professor Nabuco; namoro, casamento, filhos, realização profissional, valorização cultural e a literatura, seu tema maior.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A função formadora da literatura pode agir no leitor, no entanto, não de forma autoritária, ela age, conforme Candido (1972), com o impacto indiscriminado da própria vida e, ao mesmo tempo em que ensina, atua com toda força questionadora e formadora.

É inexplicável o mundo de reflexões que se estabelece no leitor após a recepção ou contato com a obra literária. As provocações que a literatura estabelece implicam em relações humanas, mudança de ideias e de comportamento, assim como de perspectiva diante do mundo. Lajolo (1989, p.38) observa que “o texto literário dribla o leitor, sugerindo-lhe que o que diz é e não é, porque o dizer, em Literatura, tira sua força, paradoxalmente, do relativo e provisório”.

É importante observar o destaque dado por Rodrigo Lacerda aos cânones literários, ícones da literatura brasileira e universal são citados e fizeram parte do rol de leituras de Pedro. Ainda criança, por intermédio do incentivo da mãe, ele teve contato com poetas e romancistas como Castro Alves, Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Fernando Pessoa, Eça de Queiroz. O pai e o professor Nabuco foram os responsáveis por *Shakespeare*, e tudo isso é revelado com muita naturalidade, fazendo parecer que todos os jovens leem tais escritores e suas obras.

Num período em que o cânone perde espaço, sendo muitas vezes questionado, o autor de *O fazedor de velhos* presta-lhe uma bela homenagem.

O próprio narrador apresenta fragmentos das obras clássicas, analisa sua temática e seus personagens, manifesta seus sentimentos diante das obras como no exemplo do poema *I-Juca-Pirama* de Gonçalves Dias, o poema *O Monstrengo* de Fernando Pessoa e da obra *Os Maias* de Eça de Queiroz. A obra, nesse aspecto, apresenta um hino de louvor à literatura e seus grandes escritores e suas importantes criações.

A literatura sempre surpreende o leitor. Ao atender as expectativas do mesmo, permite a identificação com a realidade apresentada e gera o prazer. Aguiar e Martha (2006) afirmam que ao romper com as expectativas do leitor o texto estabelece o diálogo, o questionamento e o alargamento dos horizontes culturais, gerando o prazer da leitura e a apropriação do novo e de tudo o que ele estabelece.

As histórias inventadas, com seus temas humanos e relevantes conduzem o leitor a pensar sobre a vida. Muitas vezes, questões consideradas complexas ou tabus não são debatidas na vida real, mas surgem na experiência das personagens literárias. Azevedo *apud* Souza (2004) analisa que livros didáticos ou informativos pouco problematizam a existência humana e que por isso a literatura se faz necessária.

Como afirma Todorov (2009), a literatura pode muito:

Ela pode nos estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver. Não que ela seja, antes de tudo, uma técnica de cuidados para com a alma; porém, revelação do mundo, ela pode também, em seu percurso, nos transformar a cada um de nós a partir de dentro. A literatura tem um papel vital a cumprir; [...].

O leitor busca nas obras que lê, aquilo que pode dar sentido à sua vida. Por ser literária, a obra é aberta, ou seja, nada é imposto ao leitor. A obra sugere interpretações, mas é o leitor o responsável pelo sentido do texto. A liberdade impera no texto literário e exige um leitor ativo e por isso ela é tão enriquecedora.

A literatura, como afirma Candido (1972), tem natureza questionadora e é uma necessidade universal do homem. Pode formar a personalidade e dar forma aos sentimentos e à visão de mundo. Ela humaniza o leitor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Ricardo. *Apud* SOUZA, Renata. (org.) *Caminhos para a formação do leitor*. São Paulo: DCL, 2004.

- AGUIAR, Vera Teixeira de; MARTHA, Alice Áurea Penteado (organizadoras). *Territórios da leitura: da literatura aos leitores*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2006.
- BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- BHABHA, Homi K. *O Local da Cultura*. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. 3. Reimpressão. Belo Horizonte: UFMG, 2005.
- BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana. (orgs.) *Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 2. ed. rev. e ampl. Maringá: Eduem, 2005.
- CANDIDO, Antônio. A literatura e a formação do homem. In: *Ciência e Cultura*. Conferência pronunciada na XXIV Reunião Anual da SBPC. São Paulo, 1972. 803-809 p.
- _____. *Literatura e Sociedade*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.
- COLOMER, Tereza. *A formação do leitor literário*. Trad. de Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2003.
- ECO, Umberto. *Obra aberta*. 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- JAUSS, Hans Robert. et al. *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Tradução e Organização de Luiz Costa Lima. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz E Terra S/a, 2002.
- LACERDA, Rodrigo. *O fazedor de velhos*. São Paulo: Cosac Naify, 2008.
- LAJOLO, Mariza. *O que é Literatura*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- MAAS, Wilma Patrícia Dinardo. *O Cânone mínimo: O Bildungsroman na história da literatura*. São Paulo: Ed. UNESP, 2000.
- PINTO, Cristina Ferreira. *O Bildungsroman feminino: quatro exemplos brasileiros*. São Paulo: Perspectiva, 1990. (Coleção Debates)
- TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. 2. ed. Trad. De Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.
- <http://www.significados.com.br/cor-laranja/> Significado da Cor Laranja.